

A LUZ VERMELHA

Por BERILO NEVES

Foi na Sorbonne, em Paris, que ouvi falar, pela primeira vez na minha vida da *luz vermelha*. Fazia, nessa longínqua tarde de junho (ha, agora, exactamente, vinte annos) um frio tão intenso que até o filamento das lampadas electricas parecia gelar-se no ambiente polar do salão. O professor Montgomery, de Bordoas, dizia umas phrases suggestivas, que para sempre haviam de ficar na minha memoria e no meu coração: *«O mundo esteve até agora, inteiramente ás escuras—affirmava o grande physico francez. A luz do sol aclara, apenas, os aspectos exterioris das cousas — a copa das arvoris, o telhado das casas, a configuração anatomica do corpo humano—mas não serve para ver os nossos pulmões nem para dividir o liquido sanguineo correndo através dos tubos contracteis das veias e das arterias. A luz vermelha, obtida com uma lampada especial de quartzo, deixará o fio incandescente de Edison tão obsoleto como a tocha fumarenta da Idade Media, ou o bico de gaz de Paris do seculo passado. Devemos convencer-nos de que os milhões de homens que viveram até os nossos dias passaram pelo mundo como outros tantos milhões de cegos de nascença porque apenas viram montanhas, arvores, fardas de soldados, vestidos de mulheres, poeiras das ruas e marmores frios dos tumulos. Com a luz vermelha podemos, para o futuro, ver-nos a nós mesmos, isto é, os nossos órgãos internos, tão perfeitamente como vimos os olhos, a boca, todos os lineamentos da face externa dos seres e das cousas»*.

Saí da Sorbonne convencido de que a sciencia tinha um servidor de menos, e o hospício, um doudo a mais. Dos 300 ou 400 estudantes que ouviram a conferencia de Montgomery apenas dous ou tres levaram a serio a pilheria da luz vermelha. Entre elles achava-se um rapazola ruivo, de grandes olhos verdes, que me chamou a attenção pelo seu modo attento de acompanhar a dissertação do professor de Bordoas. Falei-lhe á saída, e tomamos, juntos, um electrico que passava. Disse-me chamar-se Moret e ter vindo da Normandia estudar medicina em Paris. Era de uma familia abastada e antiquissima, com sangue velho que já correrá em veias de principes e de nobres. Jean Moret fez-se, nessa epoca, meu companheiro predilecto de conferencias e aulas de medicina,

philosophia, psychologia experimental e quanta mais sciencia se celebrava na capital da França. Depois que deixei Paris e vim morar para São José dos Patos, em Minas (onde tenho comido vagarosamente as rendas de um pequeno patrimonio de bois e terras de lavrar) nunca deixei de corresponder-me com o rapaz normando que se fez medico e tirou não sei quantas laureas academicas nos seis annos do curso. Foi elle quem me mandou dizer os progressos da clinica de Montgomery, mediante os milagres da *luz vermelha*. E' um assombro-escrevia-me certa vez, com o entusiasmo de um verdadeiro discipulo de Hyppocrates—essa tal cousa da *luz vermelha*! Imagina que o Montgomery fabricou uma lampada especial, de quartzo, que torna banaes todos os milagres do raio X e de suas applicações nos ultimos annos. Com aquella lampada presa á frente (como um mineiro que desce a um subterraneo á cata de pepitas de ouro) o homem vê todo o mecanismo interno da vida humana, desde a formação do bolo alimentar, no estomago e visceras adjacentes, até o abrir e fechar das valvulas do coração, na eurythmia vital das systoles e das diastoles? Aneurismas, dilatações da aorta, tumores malignos, tudo o que outrora mal se apalpava com o raio X, hoje pode ser visto *o olho nu*, sem esforço e com aceio. Imagina o que esse homem não pode fazer, com a tal lampada, no embrenhado capitulo das diatheses e perturbações funcionais dos órgãos de secreção interna. E' o diabo em figura de gente, o tal Montgomery!...

Ao ler essa carta entrei a escogitar em como seria util a *luz vermelha* para conhecer, por dentro e por fóra, as creaturas humanas. Sim! Por exemplo, a mulher com quem poderíamos casar... Já não falo da sanidade dos pulmões, do estomago, das capsulas supra-renais: refiro-me ao coração... Ver a olho nu, o coração da nossa noiva ou da nossa esposa, perceber-lhe a agitação deliciosa numa hora de extase amoroso, sentir o palpar das suas aurículas e dos seus ventriculos na hora solenissima de um primeiro beijo de noivado! E não era só isso: com os recursos da synchronização moderna, não viria longe o dia em que, ao lado da *luz vermelha*, ouviríamos, tambem, o surdo bater do musculo cardiaco, e

o rumor dos pulmões enchendo-se e esvasiando-se de ar, e até—quem sabe?—os vagos estalidos electricos das celulas cerebrais, fabricando e compondo o pensamento!

Essa perspectiva deixou-me, emfim, assombrado e em tremuras. Ouvir a *elaboração da idéa*! Ver a origem bio-química do pensamento. Era a omnipotencia divina transmittida, numa hora magnifica de generosidade, aos miseros netos de Adão. Immediatamente—como quem cumpre uma determinação do Alto—vendi 50 cabeças de gado, do melhor que pastava nas tranquillias varzeas de São José dos Patos. Tomei o trem para o Rio onde mandei fazer, com urgencia, uma roupa escura (jaquetão e calças de listas) digna de apresentar-se diante de um homem de sciencia como Montgomery, e, na semana seguinte, embarquei em um paquete francez, com destino a Bordoas. Foi nessa velha cidade franceza que entrei em entendimento com o sabio Dei-lhe um cheque de 10.000 francos sobre o Banque Française e Italienne, e disse-lhe:

— Não sou rico, meu caro doutor, mas interesse-me extraordinariamente pela *luz vermelha*. Tencio não casar-me e não tenho coragem de o fazer sem conhecer, antes, seguramente, a minha mulher, por dentro e por fóra. Não me bastará, ainda, isso: além de ver, quero *ouvir* o que se passa dentro da creatura que tem de ser a minha esposa para o resto da vida. Por que o sr., que descobriu a *luz vermelha*, não procura, tambem, synchronizar os ruidos intimos da vida organica? Estão ali esses dez mil francos. Se lhe for possivel, complete as suas experiencias e arranje-me um aparelho em que a *luz vermelha* se associe á synchronização dos ruidos interiores da humanidade.

Passei, então, dois mezes em Paris. Divertia-me passeando nos maravilhosos parques da Cidade Luz e vendo passarem as *midinettes* nas grandes ruas commerciaes. Um dia recebi uma comunicação telefonica de Montgomery. Recebeu-me com exquisita alegria. *«Ah! em o seu aparelho»* disse—entregando-me um *monoculo* elegantissimo, com uma tonalidade avermelhada. *«Ponha-o no olho e preste attenção»*.

Obedeci. E logo recuei assombrado. Eu estava vendo o corpo do meu amigo como se o *autopsiasse em vida*! Os seus pulmões dilatavam-se docemente e, quando

se riu, vi-lhe o diafragma altear-se e baixar, em movimentos espasmódicos. Embarquei no primeiro navio de partida para o Brasil. E, de monocolo no bolso do colete, puz-me a *flirtar* as minhas companheiras do hotel até fazer um namoro mais forte com a mais bonita de todas—uma loira do Paraná, que parecia uma espiga de milho ao amadurecer. Fizemos excelente camaradagem e, uma tarde, dispuz-me a por-lhe o monocolo em cima. Estávamos sosinhos na sala de espera do hotel. Eram seis horas, e o crepusculo vespertino descia suavemente sobre a cidade, enchendo de doce melancolia todas as almas sensíveis e capazes dos divinos arrebatamentos da poesia. As pequeninas lampadas que brotavam da parede, como outras tantas flores de luz, mal venciam as trevas exteriores que iam entrando, cada vez mais densas, no *hall* do edifício. Sem saber porque, fomos tomados de um subto acesso de carinho. Nossas mãos uniram-se e o meu braço direito envolveu-lhe a cintura, num forte amplexo dominador e galhardo. Provavelmente, tel-

a-ia beijado se me não lembrasse do monocolo de *luz vermelha*—Tirei-o com a mão esquerda e sem me afastar, muito, do gentil corpo da minha namorada, assestei-lh'o em cheio, á altura do colo. Vi, com deslumbramento, um arcaboço osseo de primeira ordem. Costelas solidas, de uma rigeza de trilho de aço. O coração, perfeitamente normal, batia apressado. Vi uma onda de sangue encher-o de subito, e logo, escoar-se pelas artérias, num escachoar vermelho. Que admirável coração tinha a minha noiva! Era perfeito. Por muito tempo fiquei a ver-lhe os robustos pulmões cujo rumor me chegava aos ouvidos como o de dois grandes foles em pleno trabalho.

—Porque me olhas tanto? — perguntou-me num sorriso brejeiro, que lhe fez umas deliciosas covinhas na face.

— Porque és linda...

Contentou-se com a razão e deixou-me admirar-a. Passei, pelo estomago, com natural repugnancia. Uma viscera tão prosaica! Mas, não pude deixar de deter-me alli: a minha deliciosa loira já tinha co-

mido, áquellas horas! Estava em plena função digestiva. Que aborrecimento... Uma mulher pantagruelica!

Era só o que faltava...

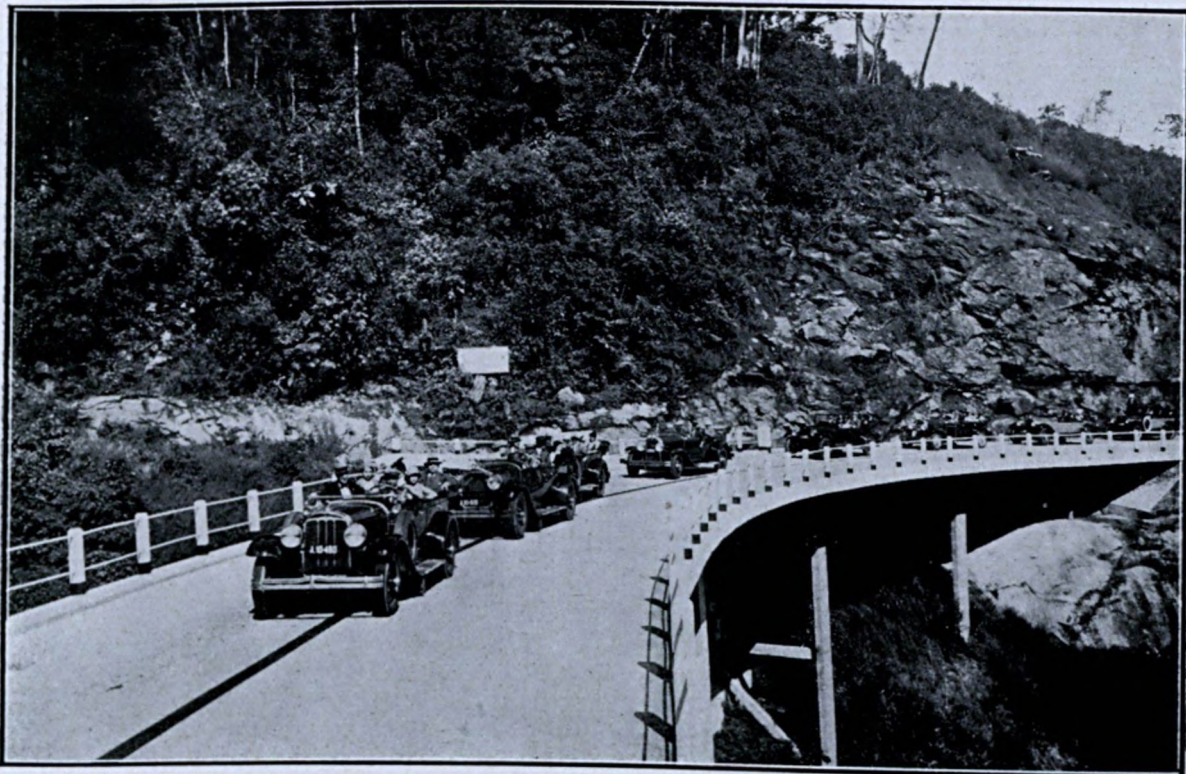
— Estás com fome, querida? Tão palida...

— E', sim: hoje ainda não comi nada... Uma chicara de café pela manhã. Detesto isto de ter que comer!

Sorri, enfiado. Fechei o olho em que tinha o monocolo e só vi o seu lindo vestido verde e a sua admirável pele, de uma brancura lactea. Ia-me inclinar, attrahido pelo cheiro delicioso de carne moça e sadia que se evolava de todo o seu ser, quando ouvi um ruído immenso de trovão longiquo. Voltei-me, para ver o que era. A mãe de minha namorada chegara-se, de mansinho, sem que a sentíssemos e sentara-se perto do sofá em que estávamos. E os seus immensos pulmões de dama obesa resfolegavam como uma locomotiva... Tirei o monocolo, discrectamente, prudentemente, e sorri com um ar imbecil...

BERILO NEVES

TOURISTES ARGENTINOS DE CORDOBA



Em excursão a Petropolis.